

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O NEOLIBERALISMO

DANIEL PORCIUNCULA PRADO\*

### RESUMO

A partir da segunda metade do século XX, com o final da Segunda Guerra Mundial em 1945, o sistema capitalista passa por profundas alterações em sua estrutura, desembocando na formação do modelo neoliberal na década de 1980. O presente artigo procura resgatar a gênese do chamado neoliberalismo, bem como os avanços tecnológicos promovidos pela Terceira Revolução Industrial e seus impactos sociais e econômicos, que irão caracterizar a chamada Nova Ordem Mundial estabelecida em nosso final de século.

PALAVRAS-CHAVE: neoliberalismo, New Deal, Terceira Revolução Industrial.

Com o final da Segunda Guerra Mundial, a partir da segunda metade do século XX, houve uma reorganização dos países, com uma relativa influência do Estado na economia. No continente europeu, isto ficou marcado com a formação do Estado de Bem-Estar Social. Nestes países, houve a construção de vários seguros às classes médias e aos operários.

O Estado de Bem-Estar Social representava um pacto entre o trabalho e o capital, remontando às origens da social-democracia europeia ou ao New Deal, plano econômico concebido pelo Presidente Roosevelt, nos Estados Unidos, que teve por finalidade retirar os EUA da crise econômica provocada pela quebra da bolsa de valores de Nova Iorque em 1929, constituindo uma formação de governo na qual os cidadãos podem aspirar a níveis mínimos de bem-estar social, incluindo educação, saúde, seguridade social, salário e moradia. Segundo o professor Gilberto Cotrim, o New Deal foi um conjunto de medidas inspiradas nas idéias do economista inglês John Keynes (1883-1946). Para Keynes, os governos deviam tomar todas as medidas econômicas para garantir o pleno emprego dos trabalhadores, acreditando que os lucros deviam ser redistribuídos de modo que o poder aquisitivo dos consumidores crescesse de forma proporcional ao desenvolvimento dos meios de produção. Essas novas idéias econômicas rompiam com os princípios clássicos do liberalismo econômico, baseado no jogo livre da oferta e da procura de mercado e na competição da iniciativa privada capitalista. O New Deal caracterizava-se como um sistema

---

\*Professor Substituto do Departamento de Biblioteconomia e História – FURG; Mestra em Educação Ambiental – FURG.



misto, que buscava conciliar a liberdade da iniciativa privada e as leis de mercado, com a intervenção do Estado em alguns setores da economia. Entre outras medidas implantadas com o New Deal, podemos destacar um forte controle governamental de preços de produtos industriais e agrícolas, concessão de empréstimos a proprietários agrícolas, realização de um amplo programa de obras públicas com a finalidade de ativar o emprego no setor da construção civil e a criação de um seguro-desemprego para os trabalhadores desempregados. Tal programa de recuperação da economia norte-americana teve como base um pacto que garantia os interesses tanto dos empresários como dos trabalhadores (Cotrim, 1996, p. 362).

Segundo o historiador Perry Anderson, as origens do chamado neoliberalismo estão logo depois da Segunda Guerra Mundial, na região da Europa e dos Estados Unidos, onde imperava o sistema capitalista. O neoliberalismo foi uma reação teórica e política contra o Estado de Bem-Estar Social. Seu texto de origem é *O caminho da servidão*, de Frederico Hayek, escrito em 1944, constituindo-se, segundo Anderson, em um "ataque apaixonado contra qualquer limitação dos mecanismos de mercado por parte do Estado". O alvo imediato de Hayek naquele momento era o Partido Trabalhista Inglês, às vésperas da eleição geral de 1945 na Inglaterra.

Em 1947, durante a construção do Estado de Bem-Estar no pós-guerra, Hayek convocaria várias personalidades que compartilhavam de suas idéias para uma reunião em Mont Pélerin, na Suíça. Fundou-se, segundo Anderson, "...uma espécie de franco-maçonaria neoliberal, altamente dedicada e organizada, com reuniões internacionais a cada dois anos...". Os principais participantes desta organização eram Milton Friedman, Karl Popper, Lionel Robbins, Ludwig Von Mises, Walter Eupken, entre outros. Segundo Hayek e seus seguidores, o capitalismo do pós-guerra destruía a liberdade dos cidadãos e a vitalidade da concorrência, da qual dependia a prosperidade de todos.

Com a chegada da grande crise deste modelo econômico no início da década de 70, quando o mundo capitalista caiu numa profunda recessão, combinando baixas taxas de crescimento com altas taxas de inflação, as idéias neoliberais começaram a ganhar terreno. Segundo os neoliberais, as razões da crise estavam centradas no poder demasiado que o movimento sindical detinha, pois "havia corroído as bases da acumulação capitalista com suas pressões reivindicatórias sobre os salários e com sua pressão parasitária para que o estado aumentasse cada vez mais os gastos sociais".

Segundo esta análise, deveria ser mantido um estado forte, mas em sua capacidade de romper com o poder dos sindicatos e ao mesmo tempo parco em todos os gastos sociais e nas intervenções econômicas. A estabilidade econômica deveria ser a meta primeira desta nova política. Para isso seria necessário estabelecer uma disciplina orçamentária com a contenção em gastos sociais e uma restauração de "taxa natural" de

desemprego, com a criação de um exército de reserva de trabalho para quebrar os sindicatos, evitando evidentemente os movimentos grevistas. Isto estaria associado com reformas fiscais, isto é, diminuição de impostos sobre as rendas mais altas.

Tais idéias não foram colocadas em prática de um momento para outro, e sim foram sendo amadurecidas nos continentes europeu e americano, como veremos a seguir.

No caso específico da América Latina, ocorrera a ascensão de governos populistas, que foram posteriormente sucedidos por violentas ditaduras militares, mas em ambos os casos, houve uma estruturação de um capitalismo em bases estatais. Com a redemocratização no continente latino-americano a partir da década de 1980, iniciam-se medidas de caráter liberalizante, que se acirram durante a década de 1990. A partir deste momento, as políticas neoliberais tornam-se cada vez mais hegemônicas, determinando assim um novo modelo de capitalismo.

Sem dúvida, Neoliberalismo é um conceito utilizado para designar um novo tipo de Estado que surgiu nas décadas de 1980 e 1990, vinculado às experiências de governos conservadores como Margaret Thatcher, na Inglaterra, Ronald Reagan nos Estados Unidos e Brian Mulroney no Canadá. Na América Latina tivemos nossa primeira experiência neoliberal no Chile, com a derrubada do governo socialista de Salvador Allende, em 1973, e a conseqüente instalação de uma ditadura militar, tendo à frente o general Augusto Pinochet, apoiado pela burguesia nacional e pelo governo norte-americano. Mais recentemente, também observamos elementos neoliberais na política econômica da Argentina do presidente Carlos Menem, no Peru de Alberto Fujimori e também no México.

Trabalharemos a seguir com as análises de Theotonio dos Santos, que introduz a revolução científico-técnica (também chamada de Terceira Revolução Industrial) como uma variável fundamental para compreendermos a economia mundial contemporânea.

Começamos analisando os grandes acontecimentos históricos que se iniciam ao final da década de 80. Neste período assistimos ao final da Guerra Fria, e, com a implantação da Perestroika e da Glasnost, desencadeia-se um movimento de redemocratização no Leste Europeu e na União Soviética, com uma onda liberal nestas economias, assim como a reunificação da Alemanha (que tinha sido "dividida" em Alemanha Ocidental, sob influência do capitalismo, e Alemanha Oriental, de orientação socialista, ao final da Segunda Guerra Mundial), com a "queda do muro de Berlim". Como decorrências deste período, podemos apontar a queda de abastecimento e de finanças nestas regiões, seu desmantelamento político e uma indefinição ideológica, várias guerras civis e o ressurgimento da miséria e do desemprego em massa.

A nova ordem mundial quebra as hegemonias particularizadas, como há pouco tempo eram concretizadas através dos EUA, e se divide entre as grandes potências emergentes, como a CEI (Comunidade de Estados



Independentes), antiga União Soviética, a Comunidade Européia e os chamados Tigres asiáticos.

Para entender as tendências atuais da economia mundial, é necessário definirmos a origem destas mudanças. As grandes mudanças na produção industrial vêm afetando setores econômicos que por sua vez acarretam mudanças sociais e políticas. Estas novas transformações são conseqüências do período pós-guerra, como a energia nuclear, a aviação supersônica, a petroquímica, a informática e a eletrônica, bem como, mais recentemente, a biotecnologia, a engenharia genética, lasers e a tecnologia espacial. Atualmente são raras as grandes empresas que não possuem seu próprio centro de pesquisas e desenvolvimento.

Esta revolução possui características globais que acarretam mudanças essenciais, como a substituição do trabalho humano diretamente pelas máquinas, ou seja, pela automação do trabalho e pela introdução de robôs na produção. Também observamos neste momento a concentração e centralização da produção em grandes complexos industriais de caráter multinacional e inclusive espacial, como exemplo o surgimento da produção nas estações orbitais ou até mesmo a tentativa de se explorar o potencial energético em outros planetas, além da produção oceânica (produção submarina).

Para os países desenvolvidos do hemisfério norte, tais mudanças tendem a uma diminuição da jornada de trabalho, com o aumento do tempo livre, o qual revoluciona a estrutura do emprego na direção dos produtores diretos no setor agrícola e industrial. Nestes países, os investimentos em pesquisas melhoraram a educação, saúde, habitação e alimentação, dando origem a uma sociedade de serviços. Tais nações, que no presente ocupam uma posição dominante dentro da economia mundial, tendem a se dedicar cada vez mais a estas novas atividades, transferindo para os países em vias de industrialização a produção de peças e acessórios e outras partes da produção que ainda exigem mão-de-obra barata. Com isto, uma grande parte das indústrias poluentes se transferem para os países do hemisfério sul. Em relação aos países menos desenvolvidos, estes se colocam à margem deste processo produtivo, acentuando as desigualdades entre países ricos e pobres, levando à dependência e à marginalização enormes contingentes humanos do sistema de produção e consumo.

Pela necessidade do aumento dos espaços econômicos em que atuam as empresas, observamos a "destruição" de mercados e economias locais e/ou regionais dentro dos países, e uma tentativa de integração aos mercados internacionais.

Na vida social, as novas tecnologias ocupam espaços cada vez mais significativos na vida cotidiana das pessoas; praticamente tudo se encontra automatizado, como atividades domésticas, serviços bancários, atividades de lazer etc.

Esta alta tecnologia reduz drasticamente o número de postos de trabalho

em muitos setores industriais, sem a redução na produção. Em alguns casos, ao contrário, a produção industrial aumenta, devido às novas tecnologias. Nos países capitalistas industrializados, uma grande parte desta mão-de-obra é absorvida pelo setor terciário, como serviços de segurança, informática (setores que demandam especialização), mas esta realidade não se traduz para os países pobres, onde a maioria dos trabalhadores desempregados caem na economia informal ou na exclusão social.

Como foi citado anteriormente, a partir da segunda metade de nosso século, a exploração capitalista começou a ser sustentada em bases estatais, com o chamado "Estado de bem-estar social", unindo um padrão de acumulação capitalista mas também incorporando algumas conquistas sociais para os países europeus, como a educação, saúde, transporte, moradia, garantias de emprego, seguro-desemprego, entre outras. Neste contexto surgem as teses neoliberais, que procuram implodir o Estado como regulador e organizador das atividades econômicas, inculcando a idéia de que o mercado é o único instrumento eficaz para regular os interesses da sociedade, procurando culpar o Estado por toda a crise em que vivemos. Para os ideólogos liberais, o setor público é o grande responsável pela ineficiência, pelas crises sociais, e o Estado é privilegiador de corporações e promovedor da corrupção. Por outro lado, o mercado, através de sua "mão invisível", é o grande instrumento de eficiência, tranquilidade e qualidade. Este conjunto de idéias que se concretiza com o chamado "Estado mínimo", ou seja, retirar a administração pública do maior número possível de atividades, vem juntamente com a tentativa de aniquilar algumas conquistas sociais.

Mesmo na América Latina, onde nunca ocorreu a criação de um Estado de bem-estar social, os poucos avanços obtidos com a Constituição brasileira de 1988 sofrem perigo de serem abolidos de nossa Carta Magna com o chamado processo de revisão constitucional, iniciado no governo de Fernando Collor de Mello (entre 1990 e 1992) e sistematizados no governo de Fernando Henrique Cardoso (a partir de 1994). Outros países como Argentina, Chile e México também passam por este processo.

Todas estas transformações obviamente não são homogêneas e apresentam diferenças nos diversos países capitalistas avançados, segundo suas histórias ou suas opções mais ultraliberais, como nos casos dos EUA e Inglaterra, ou capitalismo mais nacionalistas, onde houve regimes totalitários de orientação nazi-fascista, como Alemanha e Japão. No entanto, estas mudanças alteram profundamente o processo produtivo e o próprio mundo do trabalho, criando novas relações na área da produção e acentuando características de exclusão econômica e social.

Segundo Jorge Mattoso,

Efetivamente, tal situação foi facilitada por políticas que, ao longo dos anos 80, visariam alterar os supostos constrangimentos, incentivos e obstáculos à competitividade. As bases destas políticas liberais encontram-se no ajuste estrutural e na flexibilização do trabalho e supuseram a submissão de



alocação dos recursos e dos resultados econômicos ao mercado e a eliminação de regulações governamentais protetoras que supostamente engessariam o mercado de trabalho, elevariam custos de produção e minariam a competitividade" (Mattoso, 1995, p. 70).

Como resultados diretos, observamos a redução de custos empresariais, eliminação da atividade sindical e das regulações trabalhistas e a flexibilização do trabalho, caracterizando a construção de um novo paradigma de produção industrial de massa de bens diferenciados, apontando inclusive para a figura de um novo trabalhador, mais escolarizado, participativo e polivalente.

Justamente com a emergência da terceira revolução industrial e da reestruturação capitalista, efetivou-se um novo paradigma dentro do sistema, com a ruptura de um compromisso social assegurado a partir do período pós-guerra, golpeando o trabalho organizado e favorecendo cada vez mais a expansão de empresas monopolistas e transnacionais, com múltiplas atividades que favoreceriam à redução do poder político e dos recursos do Estado.

Portanto, o modelo neoliberal se apresenta como um processo de dominação contemporâneo que se articula através de vários setores, impondo sua hegemonia sobre a sociedade, isto é, uma estratégia de poder que por um lado defende reformas no campo econômico, jurídico, educacional e político, e por outro, impõe uma nova cultura, construindo novos significados sociais, ou seja, uma ideologia dominante, dando suporte e legitimação às decisões governamentais e empresariais, caracterizando a nova ordem mundial do terceiro milênio.

#### BIBLIOGRAFIA

1. ANDERSON, P. Além do Neoliberalismo. In: ———. *As políticas sociais e o estado democrático*. São Paulo : Paz e Terra, 1995.
2. CHAUI, Marilena. *O que é ideologia?* São Paulo : Brasiliense, 1985.
3. COTRIM, Gilberto. *História e consciência do mundo*. São Paulo : Saraiva, 1997.
4. ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*. São Paulo : Perspectiva, 1992.
5. FAUNDEZ, Antônio. *O poder da participação*. São Paulo : Cortez, 1993.
6. FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1997.
7. GENTILLI, Pablo, A. A., SILVA, Tomaz Tadeu da. *Neoliberalismo, qualidade total, educação*. Petrópolis : Vozes, 1994.
8. MATTOSO, Jorge. *A desordem do trabalho*. São Paulo : Scritta, 1995.
9. RIBEIRO, João Ubaldo. *Política*. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1986.
10. SANTOS, Theotônio dos. *Economia mundial*. Petrópolis : Vozes, 1994.
11. SACHS, Ignacy. *Estratégias de transição para o século XXI : desenvolvimento e meio ambiente*. São Paulo : Fundap, 1993.
12. WILSON, Edmund. *Rumo à Estação Finlândia*. São Paulo : Companhia das Letras, 1987.